

ROSIMARA CORRÊA BIELLA

**CULTURA CORPORAL E CULTURA DO MOVIMENTO:
A PERSPECTIVA CONCEITUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA
A PARTIR DOS ANOS 80.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA
1997

ROSIMARA CORRÊA BIELLA

**CULTURA CORPORAL E CULTURA DO MOVIMENTO:
A PERSPECTIVA CONCEITUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA
A PARTIR DOS ANOS 80.**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADORA: IDELZI TEREZINHA MASSANEIRO

Aos meus pais Vitório e Jandira, que desejaram minha formação acadêmica e me educaram para que isso acontecesse. E ao Sandro, Cesar, Renata e Rafaela que além de irmãos queridos, são meus amigos.

Agradeço a minha orientadora por sua paciência e dedicação.
Ao meu tio José Vicente Biella pelo apoio e, sobretudo, pelo
carinho.

SUMÁRIO

RESUMO	v
INTRODUÇÃO	01
1.1 PROBLEMA.....	01
1.2 JUSTIFICATIVA.....	02
1.3 OBJETIVOS.....	03
REVISÃO DE LITERATURA	04
2.1 CULTURA.....	04
2.2 CORPO.....	04
2.3 MOVIMENTO.....	05
2.4 EM BUSCA DE UMA REVOLUÇÃO CULTURAL DO CORPO.....	06
2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA EM DESORDEM.....	18
2.6 MERGULHANDO NO UNIVERSO DO CORPO.....	20
2.7 PENSAR O PORQUE DE UMA POLÍTICA DO CORPO?.....	21
2.8 É PRECISO UM DESLOCAMENTO NO OLHAR.....	23
METODOLOGIA	29
ANÁLISE E DISCUSSÕES	30
SUGESTÕES E RECOMENDAÇÕES	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXO	34

RESUMO

O pensamento norteador deste trabalho foi: como distinguir Cultura Corporal e Cultura do Movimento? E para tanto se fez necessário retroceder ao início dos anos 80 junto aos autores que desencadearam a crise do pensamento da Educação Física, tal retrospectiva se fez necessária para entender os processos que cunharam as terminologias em questão. E esta Educação Física dos anos 80, que segundo os autores necessitava de uma crise para alcançar a revolução, e foi nesta Educação Física que fui educada, a partir desta experiência, pretende-se agora estabelecer relações de pertinência entre as obras dos autores da década de 80 e início da década de 90, bem como abordar aspectos relevantes sobre a concepção de crise nas obras dos autores estudados. O trabalho se deu através de pesquisa bibliográfica, onde se optou por quatro autores, no processo de reconhecimento dos pensamentos dos autores, percebe-se o fator "crise" presente em todos os discursos. E esta crise não parece estar atingindo a Educação Física que continua, cumprindo de maneira mais ou menos eficiente o que lhe é ordenado. As pesquisas realizadas por MEDINA (1985) com alunos formados em Educação Física e DAOLIO (1995) com professores de Educação Física formados a mais de 10 anos, revela que nenhum dos dois grupos conseguiram definir o que é Educação Física, este pode ser um dos fatores para se desencadear uma crise, outro fator seria atribuído a Educação Física escolar que segundo FREIRE (1987) não faz um trabalho de conscientização corporal e sim repressão corporal.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

É de conhecimento dos estudantes de Educação Física a existência de dois termos muito usados no meio, tais termos são: Cultura Corporal e Cultura do Movimento. Como distinguir Cultura Corporal e Cultura do Movimento? Até onde é possível separar o movimento específico de determinado segmento corporal sem com isso observar as influências resultantes do restante do corpo?

A Educação Física na qual fui educada; retrospectiva e análise de um aspecto da crise. Para tanto se faz necessário retroceder ao início da década de 80, junto aos autores que desencadearam a crise do pensamento da Educação Física. Tal retrospectiva, pontuará os caminhos percorridos pelas reflexões e discussões, bem como os processos que cunharam as terminologias em questão.

Partindo dos trabalhos de MEDINA (1985 e 1987), FREIRE(1987), CARMO (1987), DAOLIO (1995), até o relato da experiência da autora e sua relação com a Educação Física, procurar-se-á responder a indagação norteadora deste estudo monográfico: Uma menina trava as primeiras relações com a Educação Física Escolar: em que ponto se conecta com a crise dessa disciplina nos anos 80? E em que situação se encontra nos anos 90?

1.2 JUSTIFICATIVA

Quando se tenta dar explicações sobre o corpo, acaba-se por dividi-lo e com isso torna-se difícil de percebê-lo em sua totalidade. Temos a visão dualista do corpo onde se divide em corpo e alma, corpo e espírito ou corpo e mente, e também os que acreditam em três entidades, corpo, mente e espírito/alma. É muito difícil falar do corpo, sem pensarmos em substâncias, mas estes conceitos de corpo se mantêm desde a época de Platão e Aristóteles. Ainda hoje quando se fala em corpo, “a idéia que prevalece costuma ser ainda a de um corpo que se opõe ou se contrapõe a uma mente ou a uma alma. “A divisão só é válida na medida que não se perca de vista a totalidade na qual a particularidade se manifesta” MEDINA (1985).

O corpo como objeto de reflexões na Educação Física, começou a ganhar forma a partir do desencadeamento da crise nesta área, conforme MEDINA (1985 e 1987) , FREIRE (1987), CARMO (1987), DAOLIO (1995), com referência nestes autores e nas primeiras percepções sobre a questão vivenciadas pela autora, justifica-se a necessidade deste estudo, como parte integrante do aprofundamento dessas reflexões e na busca de superação nas discussões teóricas da Educação Física.

1.3 OBJETIVOS

O objetivo deste estudo é verificar através de levantamento bibliográfico:

- Relações de pertinência entre os conceitos de Cultura do Movimento e Cultura Corporal;
- Justificar o tratamento dado pelos autores na relação Corpo/Movimento;
- Abordar aspectos relevantes da Cultura enquanto Cultura Corporal e Cultura do Movimento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CULTURA

Segundo MATTA (1986), em Antropologia Social e Sociologia, a Cultura é um mapa, um receituário, um código, através do qual as pessoas de um certo grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. A Cultura não é somente a soma de conhecimentos, um conjunto de obras que se admira, que se possa amar, degustar, mas simultaneamente, obras e um modo de vida e a procura de novos modos de vida; são os modos de vida inovadores que permitem tirar das obras toda a força de inovação que elas contêm, reciprocamente; é apoiando-se nas obras inovadores que se vai modificar os novos modos de vida. A partir da satisfação cultural cresce o indivíduo; a satisfação cultural é crescer, construir-se, ter forças para agir dentro da sua cultura.

2.2 CORPO

Segundo o conteúdo discutido na disciplina de Filosofia da Educação Física (1995) o corpo vem recebendo definições, abstrações, contradições desde de Platão até os dias de hoje. E foi na filosofia de Platão que encontramos a primeira sistematização de corpo na História da Filosofia Ocidental. Na concepção de corpo dada por Platão, temos a origem do dualismo psico-físico. A alma vive no mundo inteligível(verdade absoluta) ou mundo a consciência e o corpo vive no mundo

sensível (não existe verdade) ou mundo da matéria. Para Platão a alma é superior ao corpo, a alma deixa de ser e passa a ter o corpo que é usado como se fosse o túmulo ou prisão da alma, isso traz uma noção de instrumentalidade do corpo, que significa que o corpo serve como instrumento para que a alma venha ao mundo da matéria realizar as suas ações com finalidade de rever os seus defeitos e/ou pecados para com isso poder voltar ao mundo das idéias, onde habitam as almas. Daí vem Aristóteles e contradiz a concepção Platônica, para ele a matéria(corpo) precede a consciência(alma), para Aristóteles a alma segue o movimento do corpo, diz que a alma não é uma coisa única mas sim dividida em várias partes ligadas entre si e com o corpo define ainda a alma como essência dos corpos animados.

MEDINA (1987) diz que, o corpo do ser humano, entendido como sendo independente de suas relações, será apenas aquele representado nos resumos da Biologia ou Medicina, ou nos discursos e nas práticas dos adeptos da “corpolatria”. O corpo compreendido isoladamente da sociedade e da natureza, é um corpo abstrato, distante da realidade concreta em que ele se faz, distante, enfim, de suas circunstâncias. “O corpo é reflexo de uma cultura, portanto cada cultura expressa diferentes corpos” BRUEL (1990).

2.3 MOVIMENTO

O objeto de trabalho da Educação Física é o corpo humano. Este homem que se movimenta, que se assume e, sendo humano, o movimento de que se fala é aquele que vai sendo construído historicamente, na relação do homem com a

natureza e com outros homens, superando-se, assim, reducionismo biológico, qualificado como consciente. O movimento que se busca estudar é aquele que pode ser representado por signos e compreendido no quadro de um conjunto de significados construído socialmente tal compreensão possível a sua utilização e transformação segundo propósitos humanos. “O movimento humano consciente compreende todas as manifestações de movimento corporal das quais o indivíduo pode formar uma representação psíquica, através de qualquer sistema de signos, e que podem ser submetidas ao seu controle voluntário” KOLYNIK (1995 P.24).

FREIRE (1992, P.140) “olhando para uma pessoa, não consigo enxergar nela o lançar ou o saltar, por exemplo, a não ser no momento em que, por algum motivo, tais gestos precisam ser realizados. O movimento é algo que se constrói no momento em que é necessário agir. Realizado o ato, ele se desmancha, termina, deixa de existir.”

Para se fazer este estudo é necessário que se tenha um conhecimento mais aprofundado sobre o corpo, pois “o movimento humano só pode exteriorizar-se em toda a magnitude através do corpo” BRUEL (1990).

2.4 EM BUSCA DE UMA REVOLUÇÃO CULTURAL DO CORPO.

MEDINA (1985 p.11) procura uma fundamentação para a chamada “Cultura do Corpo”. Nesta obra ele usa como sinônimos os termos Cultura do Corpo, Cultura Física, Cultura Corporal e Cultura Somática. Com o aumento

crescente do interesse pelo assunto, Medina deixou de adiar o seu trabalho e sente a necessidade de encontrar um sentido mais humano para a nossa Cultura Física. MEDINA (1985 p.12) afirma e quer que “se entenda que nós não temos um corpo; antes, nós somos o nosso corpo”, e assim buscamos de maneira geral “justificar uma expressão legítima do homem, através das manifestações do seu pensamento, do seu sentimento e do seu movimento”. Em nossa cultura segundo MEDINA (1985 p.12), tem prevalecido a ênfase sobre o pensamento. Mas vem sendo usado de maneira pobre e utilitarista, com isso a Educação Física vem sendo desvalorizada em relação as outras disciplinas. Os profissionais ligados a área da Educação Física tem que repensar o problema do corpo.

É lamentável que se encontre indivíduos que preguem coisas que não entendem, e outras que até chegam a compreendê-las, mas o que é muito pior, não acreditam naquilo que estão pregando. É neste sentido que a nossa cultura está necessitando de uma revolução.

“Alguém já disse que quando a evolução cultural do homem não pode seguir o seu caminho natural e efetivo, no sentido de uma promoção verdadeiramente humana, só uma revolução é capaz de fazê-la” MEDINA (1985 p.13).

E MEDINA (1985 p.15) não pretende em sua obra dar nenhuma receita, o que ele pretende é conscientizar e sensibilizar aqueles que estão envolvidos ou preocupados em ampliar as possibilidades de renovação e transformação do meio em que vivemos.

⇒ A Necessidade da Educação Física entrar em Crise: Amostra da Nossa Realidade.

Numa sociedade já tão cheia de revoluções, parece estranho que para evoluir a nossa cultura e a Educação Física precise do auxílio de uma “crise”, para que uma revolução aconteça. É na crise que todos os defeitos/problemas que perturbam e incomodam a pessoa, o grupo ou a instituição aparecem. E este é o momento exato onde se exige decisões e providências rápidas. Mas qualquer tentativa de mudança nesta ordem poderá ser problemática.

Mas MEDINA (1985 p.22) está certo quando diz que “as instituições não mudarão se as pessoas que a constituem não mudarem”. E ainda que “a chave desta transformação parece estar na capacidade de superação de certos níveis de vida para outros mais elevados.” E não podemos considerar superiores aqueles que têm o poder e nem reconhecer como inferiores aqueles chamados pelos especialistas de oprimidos, dominados, dependentes ou explorados. Esses seres determinados à inferioridade, são moldados por uma ideologia daqueles “seres superiores”, que conseguem fazer com que os “seres inferiores” assim se considerem. Mas podemos incluir os dominadores, opressores, exploradores como sendo seres inferiores em entender a verdadeira dimensão do que é humano.

⇒ Consciência e Percepção

A possibilidade do ser humano possuir uma consciência é o que o diferencia

dos outros seres vivos. E MEDINA (1985 p.23) concorda com o filósofo Maurice Merleau-Ponty, quando diz que a consciência é percepção e percepção é consciência.

Essa consciência dá ao homem liberdade, “voltando a comparação do homem com outros seres vivos em especial com outros animais, vamos notar que a racionalidade do homem lhe dá a oportunidade de transcender, de ultrapassar o determinismo biológico característico dos demais seres. Ao homem é possível, portanto a opção de escolha. Pode até certo ponto, escolher o seu caminho. E isto é liberdade” MEDINA (1985).

MEDINA (1985 p.25) cita a teoria freireana que distingue três graus de consciência, são elas:

- consciência intransitiva, onde o homem se constitui em um “ser no mundo” plenamente “possuído pelo mundo”.
- consciência transitiva ingênua, é capaz de ultrapassar seus limites biológicos, mas suas interpretações são simplistas.
- consciência transitiva crítica, apoiam-se em princípios causais na explicação dos problemas. Eliminam as influências de preconceitos. Percebem claramente os fatos que os condicionam em suas relações existenciais, tornando-se capazes de transformá-los.

Os homens constroem sua consciência de forma efetiva e conjuntamente. E segundo a teoria citada isto torna-se possível/viável fundamentalmente pelo diálogo entre as pessoas. E uma condição para que o diálogo aconteça é o amor. Mas também é preciso que exista a humildade, esperança confiança, serviço e testemunho.

⇒ O Ser Humano: Espectador da Vida

Para que possamos compreender os fenômenos sociais que nos envolvem, não basta a simples observação, “enquanto ficarmos como espectadores mais ou menos estáticos da vida que esta aí, nenhuma transformação significativa poderá ocorrer” MEDINA (1985 p.28).

O homem tem que buscar a sua realização plena, procurando desenvolver seu processo de consciência e passar a níveis maiores desenvolvendo uma consciência coletiva. Precisamos assumir posições, ou se acredita no homem ou não acredita, e quaisquer que sejam elas, fundamentá-las criticamente e defendê-las.

Qualquer cidadão ou profissional não pode ficar alheio às situações que o envolvem no seu dia a dia. “Todo indivíduo que depende do seu trabalho vive num contexto sócio-cultural, político e econômico, e a ele está condicionado. Não pode, portanto, ficar alheio - repito - a esta realidade se sua pretensão é a de compreender estes condicionamentos e por meio deles transformar o injusto e desumano que lhe afetam” MEDINA (1985 p.29).

A esta altura não se pode entender a Educação e a Educação Física, distante dos fatores que condicionem o seu papel estrutural. “Os homens como um todo tem que se fazer sujeitos da história, e não objetos”. E “Portanto o contexto político deve ser entendido como ponto de passagem decisivo, mas não necessariamente definitivo para a nossa plena realização como seres humanos” MEDINA (1985 p.32).

⇒ A Crise de que a Educação Física Precisa

Depois de tudo que foi dito, MEDINA (1985 p.32) começa “a concluir que a Educação e a Educação Física não se realizam de forma neutra e independente. Não se tornam práticas educativas se distantes dos costumes, das classes sociais, da política, de um ética, de uma estética, enfim do contexto existencial mais amplo que as envolvem”.

Vivemos numa sociedade de consumo, onde nos envolvemos pela mentalidade do “ter mais”, mesmo que isso implique em “ser menos”. E nessa sociedade de consumo a moda é entendida como fenômeno cultural, e se de repente a moda é cuidar do corpo, ir para academia, o mercado toma as providências para tornar tudo mais bonito e lança aos “leões” todo material de que precisam para modelar esse corpo, desde tênis apropriados e alimento energéticos até os profissionais que farão exatamente o que lhes for ordenado.

“E é por meio deste tipo de relação que segundo me parece podemos analisar parte a falência desta disciplina como proposto de real valor. Aquela Educação Física entendida como disciplina que se utiliza do corpo, através de seus movimentos, para desenvolver um processo educativo que contribua para o crescimento de todas as dimensões humanas” MEDINA (1985 p. 34).

Os setores da sociedade que pedem por desenvolvimento são atingidos pela crise, e esta crise não parece estar atingindo a Educação Física que continua “cumprindo de maneira mais ou menos eficiente, disciplinada e comportada a função que a ela foi destinada na sociedade...” MEDINA (1985 p.34).

A Educação Física precisa entrar em crise, questionar criticamente seus valores e ser capaz de pelo menos de justificar-se a si mesma. Aqui se destacam três significados para a palavra crise. No sentido popular é entendida como uma alteração do curso ordinário das coisas. A sociologia entende como uma situação social decorrente da mudança de padrões culturais e que se supera na elaboração de novos hábitos.

E no sentido médico-psiquiátrico ou psicológico, não só representa uma mutação de valores, mas também a mudança na profissão, uma orientação no modo de viver. E para a Educação Física poderão ser todos os tipos de uma crise, pois precisamos alterar o curso ordinário que vem seguindo, buscar sedimentação de novos padrões de vida e culturais. Devemos aproveitar a “moda do corpo” para a formação de uma verdadeira “cultura do corpo”, só depende do aproveitamento do momento histórico.

⇒ O que MEDINA quer dizer com: A Educação Física Cuida do Corpo... E “Mente”

Não é nada fácil falar sobre algo que conhecemos, mas não entendemos. E MEDINA (1985 p.39) diz que “o conhecimento adquire significação quando é incorporado, quando se dissolve no corpo. Somente desta forma o conhecimento altera a qualidade de ser homem”. Nos dias atuais se acumulam tantos conhecimentos que vem permitindo ao homem um domínio cada vez mais

implacável do meio ambiente. As ciências Humanas ou Sociais tão empenhados em desvendar nossos mistérios.

A cada dia descobre-se mais, mas com a evolução científica, se sabe mais sobre o específico, que nos leva a perder o contato com o geral. Isso nos leva a crer que a verdade das partes, nem sempre é a verdade do todo. É necessário que se divida menos e que se una mais. Segundo MEDINA (1985 p.41) “a redução do corpo a uma de suas áreas de concentração - fato comum nas ciências humanas - é, ao mesmo tempo que esclarecedora de certas particularidades, perigosa, na medida que nos distancia dessa compreensão do todo harmonioso em que deveríamos viver”. Desta forma o corpo humano com raras exceções, vem sendo tratados como máquinas, esquecendo suas capacidades de amar, odiar, falar e até capaz de ter fé. Não se trata aqui de ser contra a especialização, o que não se pode é deixar de levar em conta o referencial básico de valorização do homem.

⇒ Onde está a Essência do Ato Educativo?

O indivíduo aprende quando ocorre transformações nos níveis de suas habilidades, conhecimentos e ideais. Segundo MEDINA (1985 p.47) “é por intermédio dessas transformações que se entende à grande finalidade da Educação enquanto processo: tornar as pessoas cada vez mais humanas”.

O contato do professor com o aluno não garante a aprendizagem, mas se houver uma certa interação ambos se educam. O professor de Educação Física que percebe esta relação afetiva transforma a sua ação onde todos se beneficiam. O

movimento humano quando traz no seu todo uma expressão significativa deixa de ser simplesmente mecânico e ampliar esta significação é dever de uma Educação Física mais consciente do seu valor humano. O professor de Educação Física deve se colocar diante daqueles que estão sob sua orientação e se interpõe às barreiras que precisam ser vencidas. E aí que também aparecem as verdades e as mentiras de cada uma de nossas ações. E considerando essas situações práticas que ocorrem no ginásio, na quadra, etc, ficam anuladas as abstrações sem sentido.

O movimento do ser humano segundo MEDINA (1985 p.49) é sempre simbólico e de maneira expressiva. E se o profissional “não procura interpretar estas significações não pode estar sabendo exatamente o que está fazendo”.

⇒ As Vítimas da Educação Brasileira e Nosso Nível de Ensino.

O aumento indiscriminado de escolas de Educação Física, resultou na queda do nível de professores conseqüentemente o nível dos alunos também caiu. Aqui MEDINA (1985 p.58) relata parte da pesquisa realizada com alunos em fase de conclusão do curso de Educação Física. Foi feita a seguinte pergunta: Em sua opinião, o que é Educação Física?

E depois de analisar as respostas, desabafa dizendo que: “os autores destas frases são, conjuntamente com a quase totalidade dos estudantes de nosso país, nada mais do que vítimas de uma estrutura fossilizada e perversa de ensino que pouco se preocupa com uma verdadeira educação que crie condições para que o

aluno se torne sujeito de sua própria história...” ou na melhor das hipóteses, a uma produtividade alienante.

Como vimos os alunos tiveram uma tarefa complicada ao definir a Educação Física, se os alunos demonstram dificuldades, talvez seja um indicativo de que os professores não tenham deixado clara a noção do seu significado.

As manifestações humanas são movidas por valores e esses valores são culturalmente moldados, e esses valores mudam de acordo com o momento histórico. E neste contexto os objetivos da Educação Física varia em gênero e número através dos tempos. Os princípios aplicados em outras épocas prevaleceram, mas atualmente se mostram superadas por novos conhecimentos. E segundo MEDINA (1985 p.63)

“enquanto as escolas de Educação Física não se convencerem de que, a par das informações técnicas dadas aos seus alunos devem dar a eles subsídios que os ensinem a viver mais plenamente dentro de todas as suas dimensões intelectuais, sensoriais, afetivas, gestuais e expressivas, estarão sendo inautênticas, pobres e insignificantes no sentido de promover vidas mais cheias de vida.”

Se o futuro professor não recebe essas informações ou não tem a oportunidade de vivê-las, o que vai passar aos seus alunos no Futuro? (talvez uma bola para jogarem)

⇒ É Preciso Pensar Sobre a Relação Teoria/Prática

O ser humano é capaz de perceber-se e aos outros, podendo atuar como senhor de sua vida e contribuindo para formação de novos valores culturais. Quase

não se tem refletido sobre o real significado de uma cultura de corpo que fundamente a Educação Física. E é por intermédio da sua prática, que o profissional da Educação Física tem como função básica renovar e transformar a cultura subdesenvolvida em que vive. Essa relação teoria/prática tem como significado a palavra práxis, que é a ação com sentido humano. Essa ação antes de acontecer é planejada e isso só o homem é capaz de fazer.

⇒ Concepções de Educação Física segundo MEDINA (1985 p.72)

- a) Educação Física Convencional - apoiada no senso comum, quando trabalha o corpo, faz isto de maneira fragmentada e não consegue percebê-lo além de seus limites biológicos, se constitui numa "Educação do Físico". Educação Física Modernizadora - além do biológico, preocupa-se com o psicológico, se considera como uma "Educação através do Físico". É a disciplina que através do movimento, cuida do corpo e da mente.
- b) Educação Física Revolucionária, o ser humano é entendido por meio de todas as suas dimensões, e no conjunto de suas relações com os outros e com o mundo. A Educação Física é entendida como uma "educação do movimento" e ao mesmo tempo "educação pelo movimento".

⇒ O que se espera da Educação Física?

Para uma Educação Física mais genuína MEDINA (1985 p.83) diz que isso implica em ter uma cultura do corpo e uma cultura popular igualmente

mais genuínas e significativas que não dependam de condicionamentos que dificultem a realização de um projeto de vida mais humana e digna.

Os sintomas de uma crise se caracterizam por sensações de desconforto, angústia, frustração e dor. Existe uma diferença sutil e decisiva entre insatisfação e a frustração, a insatisfação pode nos empurrar à frente, e a frustração pode nos paralisar indefinidamente. Todos os sintomas podem alimentar o que nos leva a evolução da consciência. Mesmo que seja dolorido, só crescemos na medida em que aprendemos a superar, e ao mesmo tempo, a conviver com todas as contradições em que estamos envolvidos constantemente em nossa cultura.

As concepções surgem e se sobrepõe as outras com o passar do tempo. Com as pessoas e seus níveis de consciência, esse fenômeno não ocorre. E a Educação Física Modernizadora não conseguiu destruir a Educação Física Convencional, tão pouco foi superada pela Educação Física Revolucionária. Todas continuam influenciando e sempre tem os que trabalham nessas áreas. A escola de Educação Física, tem que entrar em crise, mas para isso precisa de consciência do que tem e do que precisa, e ainda não possuem a noção exata do que seja a própria Educação Física. Para que aconteça a evolução dessa cultura do corpo que a Educação Física deve trabalhar, tem que se rever criticamente os seus princípios e democratizá-la no sentido de que todos tenham acesso ao conhecimento.

⇒ Sonhar, mas sonhar a necessidade da utopia

Será que podemos esperar por uma Educação Física Revolucionária? Ou isso é utopia? Mas para chegarmos a esta Educação Física, não podemos mais pensar de acordo com o senso comum. “É preciso caminhar em direção a consciência crítica, para conseguirmos uma evolução” MEDINA (1985 p.89).

Mas a Educação Física vive em função da moda, não temos um projeto autônomo, fazemos o que o mercado pede e o que dá lucro. Temos que ter esperança que alguém assuma o movimento que redimensione as possibilidades da Educação Física. E quem sabe desencadear a revolução, e lutar por uma humanização da disciplina.

2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA EM DESORDEM

Pretende situar a reflexão sobre o professor de Educação Física e sua prática pedagógica, relacionando as contradições desta prática com os objetivos que são discutidos a nível do senso comum, agora numa visão histórico-cultural. Das várias tendências descritas, CARMO (1987 p.41) faz comentários sobre três, classificando-as como: reacionária, que sem se preocupar e questionar o tipo de aluno possui ou a que sociedade ele pertence, acha apenas que seu papel é o de zelar pela “manutenção da transmissão do saber” não importando qual saber; reformista, a crítica que faz do processo-ensino-aprendizagem é superficial e baseada na lógica formal, acredita que a causa do fracasso está no aluno e na

escola; e a revolucionária, onde a escola é tida como espaço de luta, buscam a práxis social, e ainda existem os que pensam ser desnecessária a existência da escola do jeito que está. Mesmo com todas as contradições, não se pode perder de vista o elo de ligação entre conteúdo-aluno e professor; essa ligação dá ao professor certa autonomia, a classe dominante tenta impor a sua vontade mas o professor adere se quiser. Por outro lado o que vem acontecendo é justamente o contrário, o professor não consegue fazer relação da sua identidade social e da escola com esse pacote metodológico, e por isso não o transmite.

CARMO (1987 p.42) dá um exemplo que parece descrever os dias de hoje, quando diz que “se colocarmos um aluno de 5ª série do 1º grau, na 3ª série do 2º grau ou vice-versa, o aluno terá plenas condições de acompanhar os trabalhos e exigências da Educação Física”. E a isto ele chama de testemunho concreto da pseudo-Educação Física. Falta para o professor de Educação Física uma formação mais agressiva talvez onde proporcione um desenvolvimento cognitivo pleno, aprimore seu senso crítico para as tomadas de decisão tanto de natureza pedagógica como de natureza pedagógica como de natureza sócio político-econômico.

Com esse tipo de formação, talvez o professor deixe de priorizar o aluno considerando apto para o esporte/aula e passe a se dedicar também aos que não são, e fazer com isso uma Educação Física mais humana.

O professor tem que ser capaz de ver e expor os problemas, denunciando e propondo soluções alternativas.

2.6 MERGULHANDO NO UNIVERSO DO CORPO

Para FREIRE (1987 p.48), através de “janelas” o homem descobre o universo além do seu corpo. Nossos olhos são essas janelas, por onde contemplamos esse mundo cheio de enigmas. Mas isso apenas, não basta, passamos a construir mais e mais janelas, com elas pudemos observar a terra do céu. Depois de tantas descobertas o homem se surpreende com o próprio corpo. Nem todos querem continuar a construir. Diferente dos que construíram mais e mais janelas, alguns permanecem com os pés em terra firme e com suas janelas voltadas para dentro. A chave do mistério esta em saber olhar, alguns homens sabem de tudo isso, mas não querem que se saiba, eles permitem que se olhe para o corpo, mas não para dentro dele. Mesmo que se feche as janelas e que se vigie há sempre uma fresta.

Por mais maravilhoso que seja o universo não há nada mais esplêndido que o nosso próprio corpo. Esse homem maravilhoso, inventa além das janelas, armas mortíferas, mas não tem medo enquanto essas armas matam somente seus inimigos, mas quando o perigo se volta para ele, o terror de ver seu corpo dilacerado pela dor o assusta. E só quando essa dor aparece é que ele se dá conta do seu corpo. As pessoas desejam a saúde, mas o caminho para a cura é difícil, e para atravessá-lo precisamos de ajuda, mas onde chegar? FREIRE (1987 p.50) diz que devemos nos preocupar com a primeira meta, que seria a consciência.

E continua argumentando que o homem não consegue olhar para dentro de si, mas o que se percebe é que ainda tem atitudes que são esperadas em crianças de 6 a 7 anos, o egocentrismo normal numa criança não é no adulto.

O homem passa a se preocupar com sua inconsciência corporal. E como é inevitável quem tem o poder econômico, vai ao terapeuta buscar sua consciência corporal, enquanto os desassistidos passam a vida clamando aos céus e tendo consciência só da barriga. Mas não é garantido o resultado só porque foi pago. E não tão bem intencionados quanto os terapeutas corporais, vem outros observadores da preocupação do homem com o corpo e oferecem algo mais acessível, mas mesmo assim ainda há os que não podem pagar e a única chance à educação corporal seria pela Educação Física. Mas infelizmente na prática geralmente não acontece um trabalho de conscientização do corpo e sim repressão corporal.

O estado com medo do movimento social reprime o movimento humano. E com isso professores se tornam domadores e o movimento perde sua força transformadora, e FREIRE (1987 p.54) continua dizendo que “a Educação Física poderia deixar de ser técnica de adestrar homens, para se tornar a técnica que permitisse ao homem realizar com arte, cada movimento”. E realizar com arte o movimento é realiza-lo com consciência, e só assim seria uma Educação Física como prática de educação corporal.

2.7 PENSAR A RAZÃO DE UMA POLÍTICA DO CORPO?

MEDINA (1987 p.55), fala na relação de poder, onde classe dominante acaba por determinar no comportamento de todos, os princípios e conceitos básicos que permitem a sua dominação e existência.

E reforça quando diz:

“... será que todos nós, enquanto indivíduos, enquanto pessoas, estamos na dependência direta e exclusiva da nossa história social? Não existiria entre o nosso Corpo e a Sociedade uma Relação Dialética que precisa ser resgatada de uma forma autêntica pelas diversas classes que dividem nossa sociedade e principalmente (por ser a mais oprimida) pela classe trabalhadora?”

E é neste sentido que Medina pretende refletir sobre a questão do corpo. E então ele pergunta “haveria um lugar para uma Política do Corpo na atual fase de transformação da sociedade brasileira?”

Quando se tem um ideal ou se está envolvido numa batalha as razões pelas quais você luta, são esquecidas quando seu corpo padece, seja com tortura, dor, fome, é como se o corpo crescesse tanto que pudesse encher todo o universo
GEORGE ORWELL (1984) apud MEDINA (1987 p.87).

Desta forma deve se entender que a Consciência do Corpo não pode ser desvinculada da Consciência de Classe, não é suficiente que se tenha consciência da realidade subdesenvolvida que se viva, mas também que se veja a necessidade de luta contra tudo aquilo que nos impede de alcançar uma vida mais saudável.

E para encerrar o pensamento MEDINA (1987 p.57) diz que: “A consciência do corpo e de suas possibilidades de liberação não pode crescer desarticulada da realidade e/ou da totalidade do processo social.

Deve, isto sim, estar abertas às constantes transformações desse processo dialético. Só assim vejo sentido em uma Política do Corpo.”

2.8 É PRECISO UM DESLOCAMENTO NO OLHAR

Para FRANÇOIS LAPLANTINE apud DAOLIO (1995 p.21), “aquilo que os seres humanos têm em comum é sua capacidade para se diferenciar uns dos outros”. Com ajuda da antropologia podemos olhar para um indivíduo, um grupo de pessoas sem julgá-los por suas atitudes, e sim, pensando no porque, no tipo de influência que sua cultura trás para cada atitude.

Tudo o que se faz tem um referencial cultural. Para a Educação Física que trabalha com diferentes grupos de alunos, é muito importante que o tratamento não seja preconceituoso. Um deslocamento do olhar, não pode ser um deslocamento mecânico do globo ocular, mas ter uma maneira diferente de ver as coisas, os seres humanos.

⇒ O corpo humano e sua construção cultural

A antropologia esta sendo colocada como sendo igual a oposição entre natureza e cultura. Para se chegar ao homem natural seria preciso retirar sua roupagem cultural. Mesmo que exista uma dimensão puramente biológica na natureza do homem, não podemos chamá-lo biológico e/ou natural, pois a cultura vai estar inserida em seu desenvolvimento.

E se houve um desenvolvimento interativo entre os componentes biológicos e socioculturais, um afetando o outro igualmente, não é possível separar esses dois aspectos. Assim para GEERTZ (1989) apud DAOLIO (1995 p.33) “...nós somos

animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura - não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura...”.

E RODRIGUES diz que depois destas colocações, “pode-se afirmar que a natureza do homem é ser um ser cultural, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura”, explicitando melhor quando expressa:

“ (...) a estrutura biológica do homem lhe permite ver, ouvir, cheirar, sentir, pensar, e a cultura lhe forneceria o rosto de suas visões, os cheiros agradáveis ou desagradáveis, os sentimentos alegres ou tristes, os conteúdos do pensamento. Poder-se-ia, igualmente, afirmar que todos os seres humanos têm a capacidade biológica de sentir dor, mas reclamará e passará a gemer é extremamente variável de cultura para cultura” RODRIGUES (1986) apud DAOLIO (1995 p.35).

⇒ Cultura, Organização de Regras

Ao pensar no corpo, podemos incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, e que sobre ela a cultura escreveria diferentes histórias. O ser humano tem o seu biotipo parecido, mesmo estando distantes entre os continentes. A história e/ou cultura de cada povo é que diferencia um do outro.

A cultura impõe regras a natureza. “O controle do uso do corpo aparece, portanto, como necessário ao surgimento da cultura. A cultura nada mais faz do que ordenar o universo por meio da organização de regras sobre a natureza.”

A cultura cria técnicas corporais como gestos e movimentos que é transmitido de uma geração a outra MAUSS (1974) apud DAOLIO (1995 p.38).

MAUSS (1974) apud DAOLIO (1995 p.38) , fala da Técnica corporal como sendo as maneiras com que os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional sabem servir-se de seus corpos. Esse enfoque permite o estudo do corpo e movimento humano como expressões simbólicas, e por meio dos símbolos é que a tradição vai sendo transmitida às gerações seguintes. Essa tradição é chamada de “memória coletiva”, em algumas sociedades maior do que em outras. É o que vai resistindo aos avanços tecnológicos e desenvolvimento científico, mas é também o resultado desses avanços, que vão se incorporando às tradições sociais num processo dinâmico.

⇒ Relato da Pesquisa feita por DAOLIO (1995) com Relação ao Trabalho de Professores de Educação Física

Antes de começar sua pesquisa DAOLIO (1995), procurou definir quantos professores, quantas escolas e a clientela da escola. Procurou a 14^o Delegacia de ensino, para escolher as escolas (os funcionários da Delegacia deram opiniões), mas foi no arquivo de planejamento anuais que as escolas entregam à Delegacia, que numa leitura rápida dos planejamentos (se percebeu que se tratava de um documento pró-forma, apenas para atender uma formalidade exigida pela Delegacia) foram escolhidas 12 escolas divididas em: 6 sendo consideradas como “de classe baixa” e outras 6 “de classe média” . Indiferentemente da localização da escola, sua classificação de “baixa” ou “média” era feita não pela tipo de clientela e sim pela construção. Quanto a clientela, acaba tendo muita mistura, são os que não

conseguem mais pagar o particular e tem os que moram em “favelas” muito próximas desses colégios (centrais).

Todas as escolas visitadas possuía pelo menos uma quadra de esportes; em compensação teve escola com uma quadra e 5 professores de Educação Física. Com a autorização da direção, iniciou-se os contatos com os professores, que foram receptivos. Foram contatados 28 professores e apenas quatro se negaram a participar. Alguns dos que aceitaram até pediram o projeto para ler.

E mesmo a escola autorizando, o professor se dispondo a participar, a realização das entrevistas nem sempre foi ágil. No final das contas foram entrevistados 20 professores sendo 10 de cada sexo, com idade entre 24 e 47 anos, formados nas décadas de 70 e 80. Teve uma exceção que foi uma professora de 51 anos, formada em 1960, aposentada que voltou a dar aulas.

Cada entrevista foi iniciada com uma pergunta sobre como foi a sua infância, da história da infância, as brincadeiras preferidas, foram associadas com o gosto pela Educação Física. Apesar da identificação, alguns professores criticam a formação profissional. Os professores tiveram uma formação esportiva e acabam por reproduzir esse modelo nas suas aulas. Alguns usam a aula para escolher futuros atletas. Embora os professores criticarem o esporte o reconhecem como principal conteúdo das aulas de Educação Física.

Quando foi pedido para definir a Educação Física, várias definições foram dadas e apesar de diferentes, DAOLIO (1995) considerou uniforme e regular no grupo.

A cada definição, foi atribuído e/ou vinculado a sua construção social.

⇒ Passando de matéria-prima a Corpo Cidadão

Se o homem existe como natureza e cultura unidas e explícitas no corpo, é possível afirmar que qualquer prática que se realize com o corpo, só se torna compreensível, quando fica explícito uma certa concepção da relação entre esses dois aspectos. “Compreende-se, assim, que a própria idéia de uma Educação Física é uma construção social, tal como a noção de corpo que a ela difunde por intermédio de seus profissionais” DAOLIO (1995 p.80).

A forma como os professores entendem e traduzem as noções de corpo, influencia, na sua postura, no tipo de aula que ministra, no delineamento de seus objetivos, na forma como utilizam as técnicas corporais.

Para DAOLIO (1995), o dado mais relevante e que parece ser a própria base da atuação profissional do grupo, os professores procuram realizar, ao trabalhar por intermédio dos corpos de seus alunos, uma mediação entre a ordem da natureza e a ordem da sociedade. Como primeiro plano consideram o corpo como matéria-prima sobre a qual impõe seus objetivos e métodos de ensino. Os professores consideram que seus alunos são exatamente como eles foram em sua infância, desprovidos de técnicas, e o que fazem é adestrá-los com essas técnicas, que acreditam servir-lhes como preparo para um futuro cidadão. Quando os professores desconsideram o repertório corporal que as crianças possuem antes de entrar na escola, como se o único recurso dos alunos terem essa educação corporal, fosse a Educação Física. A Educação Física ainda sofre influência dos militares e do conhecimento científico da medicina, com isso, os professores acreditam dar

condições para o aluno levar uma vida melhor, o aluno aprende o seu papel na sociedade. O professor conseguindo transformar um corpo natural em um corpo eficiente, preparando um futuro cidadão, se sente gratificado e realizado.

⇒ O que DAOLIO chama de Educação Física Plural

Os professores ao falar da Educação Física não conseguem falar da especificidade da área, e isso diferencia a Educação Física das outras disciplinas. Essa diferença trás conseqüências do tipo, o professor de Educação Física fica responsável por atividades extracurriculares e até consertos.

Quando o professor trata o seu aluno como um ser biológico, desconsiderando que seu trabalho se dá num ambiente cultural, com pessoas que fazem parte de uma realidade social e utiliza conteúdos historicamente relevantes daquela cultura.

Segundo DAOLIO (1995 p.96) ao trabalhar diretamente com o corpo dos alunos, o professor acaba interferindo na concepção e na representação que os alunos tem do próprio corpo. A Educação Física tem dificuldades em lidar com as diferenças dos alunos, quando conseguir lidar com as diferenças tanto físicas quanto cultural, garantirá assim o direito de todos a sua prática. "A diferença deixará de ser critério para justificar preconceitos, que causam constrangimentos e levam à subjugação dos alunos, para se tornar condição de igualdade..." DAOLIO (1995 p.100).

3 METODOLOGIA

Este trabalho aconteceu através de pesquisa bibliográfica onde se buscou aprofundar os conceitos: Cultura Corporal e Cultura do Movimento. As primeiras incursões junto as literaturas se deu através da construção de uma relação dos autores que tinham produção literária a respeito do assunto na década de 80 e os primeiros anos da década de 90. Em seguida optou-se pelos autores MEDINA (1985 e 1987), FREIRE (1987), CARMO (1987), BRUEL (1990), SOARES (1992) e DAOLIO (1995).

A primeira leitura se deu sobre a obra de DAOLIO (1995), a segunda sobre a obra de MEDINA (1985), terceira sobre a obra de CARMO (1987), a quarta sobre FREIRE (1987 e 1992), a quinta sobre a obra de MEDINA (1987) sendo que BRUEL(1990), MATTA (1986), KOLINIAK (1995), SOARES et al. (1992) foram estudados ainda na confecção do projeto.

No decorrer das leituras as dúvidas foram dirimidas durante reuniões com a orientadora.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Os autores estudados da década de 80 MEDINA (1985 e 1987) CARMO(1987) E FREIRE (1987), dentro de seus discursos de uma maneira ou de outra mencionam a “crise” de que a Educação Física precisa, e necessita dessa “crise” em seu sentido amplo :

“Não só precisamos alterar o curso ordinário - aliás bem “ordinário” - que ela vem seguindo, como também buscar sedimentação de novos padrões de vida. Para uma Educação Física realmente preocupada com o ser humano não basta concordar plenamente com a sociedade. É necessário que faça uma permanente crítica social; seja sensível às diversas formas de repressão a que as pessoas estão sujeitas e as ajudem a entender os seus determinismos e superar os seus condicionamentos, tornando-as cada vez mais livres e humanas” MEDINA (1985 P.36).

E dez anos depois de se ter começado a falar em crise, DAOLIO (1995), ainda constata que essa crise não aconteceu, já houve mudanças, mas os professores ainda reproduzem em suas aulas ideais e valores do passado, mesmo fazendo críticas ao esporte como formação acadêmica, reconhecem-no como principal conteúdo de suas aulas.

Os professores ainda tem dificuldades de lidar com as diferenças de seus alunos, sejam elas físicas ou culturais, isso faz com que o aluno que foge ao padrão da maioria, deixe de receber um tratamento igual ao restante do grupo, na minha vida escolar passei por rejeições nas aulas de Educação Física, tanto que não gostava das aulas, espero que agora como professora, eu consiga ajudar a provocar alguma mudança.

Quando o professor garantir ao aluno o direito de ser diferente, teremos aulas de Educação Física que garantam uma conscientização corporal ao invés de repressão corporal.

5 SUGESTÕES E RECOMENDAÇÕES

Que este estudo tenha continuação, pois os pontos levantados ainda não foram esgotados e para tanto é necessário que se faça leitura do restante das obras produzidas na década de 80 e início da década de 90. E que a Universidade e/ou professores provoquem os alunos desde o primeiro ano para as leituras pertinentes à área da Educação Física escolar já que o curso é de licenciatura.

E principalmente que os futuros professores que irão dar aulas em escolas, pense bem antes de apenas jogar uma bola para sua turma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BRUEL, Maria Rita. **O corpo em movimento: eixo norteador de uma proposta curricular.** Revista Motrivivência, Sergipe, m.3, p. 11-15, jan., 1990.
- 2 DAOLIO, Jocimar, **Da Cultura do Corpo**, Campinas, SP. Papyrus, 1995. (Coleção corpo e motricidade)
- 3 ESCOBAR, Micheli Ortega. **Contribuições ao debate do currículo em educação física: uma proposta para a escola pública.** Secretaria da Educação/Governo de Pernambuco, 1990.
- 4 FREIRE, João Batista. **De corpo e alma: o discurso da motricidade.** São Paulo, Editora Sumus, 1991.
- 5 KALYNYIAK FILHO, Carol. **Movimento humano consciente: objeto de estudo para a educação física.** Discorpo 5, (s.l.), Setembro de 1995.
- 6 MATTA, R. **Explorações.** Ensaios de Sociologia Interpretativa. Rio Rocco, 1986.
- 7 MEDINA, João .Paulo. Subirá. **A educação física cuida do corpo e... "mente": bases para a renovação e transformação da educação física.** Campinas, Papyrus, 4. ed. 1985.
- 8 OLIVEIRA, Vitor Marinho de (org.). **Fundamentos pedagógicos educação física.** Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1987.
- 9 SILVA, Nye Ribeiro. **O profeta da esperança.** Entrevista com Paulo Freire, Revista Dois Pontos. (s.l.). Jan/Fev - 1996.
- 10 SOARES, Carmen Lúcia, TAFFAREL, Celi Nelza Zülke, VARJAL, Elizabeth, CASTELLANI, Lino, ESCOBAR, Michele Ortega, BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino de educação física.** Coleção Magistério - 2º Grau. São Paulo. Cortez Editora. 1994.

ANEXO

ANEXO 1: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA

O encanto no primeiro olhar

O primeiro contato com a Educação Física, aconteceu quando aos sete anos de idade, na primeira série, saí para tomar água e me deparei com as meninas da oitava série que faziam aula de Educação Física, a menina de sete anos se encanta, e perde a noção do tempo, resultado, esquece de voltar para a sala e é castigada por isso. Não consigo lembrar de nenhuma atividade física aplicada no primeiro ano que fosse mais elaborada do que as cantigas de roda, talvez na segunda série, quando saíamos para atividade me lembro vagamente de atividades com bola, estafetas, mas na época a atividade preferida pelas meninas eram os bambolês (bincávamos no intervalo)

O Brincar e as Fantacias na Infância: Referências para a Educação Física Escolar no 1º grau.

A sorte, é que sempre tive espaço para brincar, nesta época (79) , estava na segunda série, o quintal de casa era grande com árvores, no vizinho também, e lá nós construímos uma casinha , na verdade os maiores construíram, a parede da casinha era feita de papelão, haviam dois andares, nós subíamos nesta árvore muitas vezes durante a brincadeira, quando nos mudamos desta casa, fomos para um bairro novo, ainda não tinha asfalto, e quando chovia, os buracos que se

formavam eram nossas casas, obstáculos e tudo o que a gente podia imaginar. O caminho que fazíamos para a escola, era uma brincadeira, sem contar que eu tinha dois menores que iam para a escola comigo, eles chegavam imundos em casa, minha mãe nem imaginava como eles podiam se sujar tanto, eu sabia. Uma de nossas atividades preferidas era buscar amoras, a árvore era velha e com muitos galhos, todos podiam subir ao mesmo tempo, recolhíamos as amoras e íamos para a casa de uns amigos, também eram em vários irmãos, o quintal da casa deles era um verdadeiro pomar, e nós brincávamos de casinha embaixo dos pés de caqui, com as amoras fazíamos suco que fazia parte das nossas refeições onde nem tudo era de faz de conta.

Os primeiros brinquedos industrializados

Comecei a aprender a andar de bicicleta mas a bicicleta era grande demais, me seguravam pela “garupa”, enquanto eu tinha medo não caia, depois que perdi o medo era um tombo atrás do outro.

A rua como espaço de movimento

O movimento da rua era pequeno e podíamos pular cordas no meio da rua, até um dia que levei um tombo feio, e parei um pouco com a corda.

A vida urbana e os novos espaços de brinquedos

Os carrinhos de rolemã chegaram juntos com o asfalto, meus irmãos faziam os carrinhos deles e também os dos amigos, não tinha o meu, mas arriscava descer de vez em quando, a descida era veloz e eu tinha um pouco de medo.

Formação de corpo

Mais ou menos nesta época comecei a freqüentar uma escolinha de Ginástica Olímpica oferecida gratuitamente no Ginásio de Esportes na época chamado de Governador Ney Braga (1981) que ficava muito perto da minha casa, me encantei com a atividade, estava indo bem, quando depois de apenas um mês que estávamos fazendo a aula a professora foi embora, sem substituta, ficamos sem a ginástica. Um tempo depois começamos a participar da escolinha de Handebol no mesmo ginásio, mas o professor era um tanto rude, quando não conseguiam fazer o exercício, o professor puxava o cabelo das meninas. (Ofertas da cidade de Umuarama-Pr.)

A aula de Educação Física

No ginásio (1º grau), estudando em outro colégio (maior), tínhamos ginástica, muitas voltas em volta da quadra, polichinelo, canguru, entre outras coisas, as aulas eram pesadas de ficarmos doídos até a próxima aula.

Na época de Jogos éramos convidados para fazer a abertura do evento, as meninas mais habilidosas faziam apresentação com fitas ou arcos (na época nem

sabia que se tratava da GRD), e as restantes faziam um coreografia mais simples, neste ano (1982) a coreografia era o chamamos de a “Dança do Coquinho”, o tempo todo o sem se resumia a um tec tetec, insuportável, nunca me senti tão ridícula. No ano seguinte, fazíamos evoluções com tochas acesas no campo de futebol, esta foi interessante.

A professora de Educação Física

Na sexta série podíamos escolher um esporte, escolhi o atletismo, antes disso participei das aulas(escolinha) de voleibol, até fizemos uma competição interna, meu time um dos mais fracos, conseguimos chegar à final, mas perdemos, sem dar nenhuma importância a professora nem olhou para a gente. Como se nosso esforço não tivesse valido nada, isso me deixou indignada e passei a olhar diferente para o esporte coletivo, então escolhi o atletismo porque meu desempenho só dependeria de mim, e não seria responsável pelo insucesso de ninguém. A professora de Atletismo era rígida e muito exigente, nós treinávamos para valer, foi o meu melhor desempenho nos esportes, não cheguei a competir, mas me realizei.

O esporte na aula de Educação Física

Depois destas experiências todas as seguintes, podem ser descritas da mesma forma, tínhamos o esporte na aula de Educação Física privilegiando os mais habilidosos. No segundo grau a partir do segundo ano quando comecei a trabalhar

e por isso, estudar no período noturno, fiz valer os meus direitos, pedi a dispensa das aulas de Educação Física. Acabei tocando “bombo” na fanfarra do colégio que logo depois passou a ser municipal, além das comemorações da cidade, tocamos em todas cidades vizinhas, participamos por dois anos seguidos de um concurso de fanfarras realizado em Curitiba (88/89).

A vontade de superar

Por exclusão acabei por fazer vestibular para Educação Física. Já na faculdade com aulas práticas sofri um pouco. Mas com o tempo fui me envolvendo pelo curso e descobri que fiz a escolha certa. A vontade que tenho é de poder dar aulas diferentes das que eu tive.